

PRINCÍPIOS E MÉTODOS DA TERAPIA FAMILIAR CENTRADA NO CLIENTE

TRADUÇÃO DE RUTE BRITES



Ned Gaylin

Resumo: A Terapia Familiar Centrada no Cliente reconhece a unidade familiar como um contexto significativo e importante para o processo de Terapia Centrada no Cliente. Ao contrário das abordagens sistêmicas tradicionais da terapia familiar, na Terapia Familiar Centrada no Cliente os membros da família são vistos como indivíduos interagindo e crescendo dentro do complexo rico da família, e não simplesmente como partes funcionantes do todo. Assim, os clientes são vistos no contexto da família, interagindo como indivíduos dentro desse contexto: o terapeuta lida com as múltiplas realidades dos membros da família bem como com a sua experiência partilhada. Como a Terapia Centrada no Cliente individual, a Terapia Familiar Centrada no Cliente assenta nos princípios das tendências actualizantes. No entanto, a Terapia Familiar Centrada no Cliente conceptualiza a tendência auto-actualizante como incorporando a família. Esta elaboração, subtil mas palpável, do processo de auto-actualização, alarga os métodos de trabalhar com indivíduos no contexto familiar. Assim, ao mesmo tempo que a Terapia Familiar Centrada no Cliente assenta sobre as condições nucleares tradicionais, modifica-as para incluir os processos interaccionais dos membros da família cliente.

Palavras-Chave: Terapia Familiar; Tendência Actualizante Familiar; Reformulação

Abstract: Client-Centered Family Therapy recognizes the family unit as a significant and meaningful context for the process of Client-Centered Therapy. Unlike traditional systems approaches to family therapy, in Client-Centered Family Therapy members are seen as individuals interacting and growing within the rich complex of the family, not simply as functioning parts of the whole. Thus, clients are seen in the context of the family and interacted with as individuals within that context: The therapist deals with the multiple realities of family members as well as their shared experience. Like individual Client-Centered Therapy, Client-Centered Family Therapy is grounded in the tenets of the actualizing tendencies. However, Client-Centered Family Therapy conceptualizes the self-actualizing tendency as incorporating the family. This subtle but palpable elaboration of the self-actualizing process extends the methods of working with individuals within the family context. Therefore, while Client-Centered Family Therapy draws upon the traditional cores conditions, it modifies them to include interactional processes of client family members.

Key-Words: Family Therapy; Family Actualizing Tendency; Reflection

INTRODUÇÃO

A Terapia Familiar Centrada no Cliente reconhece a unidade familiar como um contexto apropriado, significativo e importante no qual se conduz a Terapia Centrada no Cliente. Ao contrário das abordagens sistêmicas tradicionais da terapia familiar, a Terapia Familiar Centrada no Cliente vê cada membro da família como uma pessoa em vez de um fragmento do sistema familiar. Assim, dentro da estrutura de suporte da Terapia Familiar Centrada no Cliente, todos os membros da família são o foco da atenção, tanto individualmente como em relação com o outro.

Aplicando os conceitos centrados no cliente tradicionais, a Terapia Familiar Centrada no Cliente incorpora as tendências orgânicas e auto-actualizante, e a presença de terapeutas atenciosos, congruentes e não-julgadores, que fornecem reformulações empáticas adequadas dos sentimentos do(s) cliente(s). A Terapia Familiar Centrada no Cliente difere da Terapia Centrada no Cliente Individual no facto de que a primeira considera a pessoa não como uma entidade independente mas como um ser social em interacção num complexo de interdependências interpessoais. Em nenhum outro lugar tanto como na família - é a essência da condição humana - a nossa interdependência mútua contínua e vitalícia é posta tão admiravelmente em evidência.

Basicamente, a família define a condição humana que, através das nossas vidas, é uma das interconexões íntimas. A família liga-nos às nossas histórias passadas, presentes e futuras, mesmo àquelas que não experienciámos ou iremos experienciar individualmente. Através das nossas vidas a família delinea quem nós somos na relação com os outros, e virtualmente nenhum de nós conceptualiza o nosso mundo sem incorporar as nossas famílias como contexto. A poesia pela qual nos definimos a nós próprios está enraizada nas ligações familiares, p.ex. Caim e Abel, Odisseia, Édipo, o Filho Pródigo.

A família fornece antecedentes genéticos, relevância social e impacto psicológico. Assim, devido à sua conotação e denotação nas nossas vidas, o meio ecossistémico da família tem um enorme poder sobre nós:

Ao contrário das abordagens sistêmicas tradicionais da terapia familiar, a Terapia Familiar Centrada no Cliente vê cada membro da família como uma pessoa em vez de um fragmento do sistema familiar.

a família facilita a integração dos nossos seres; dá significado às nossas vidas; preenchimento às nossas almas.

O terapeuta familiar centrado no cliente é filosoficamente casado com o respeito pelo poder da família nas nossas vidas. Assim, nesse respeito, o comportamento aberto dos terapeutas familiares centrados no cliente difere pouco do dos terapeutas centra-

O terapeuta familiar centrado no cliente é filosoficamente casado com o respeito pelo poder da família nas nossas vidas.

dos no cliente que trabalham com indivíduos, isto é, reformulando empaticamente os sentimentos do(s) cliente(s). No entanto, o processo terapêutico é aumentado quando, na presença de um ou mais mem-

O conhecimento do desenvolvimento do self é crucial para a nossa compreensão dos elementos nucleares do processo de cura centrado no cliente.

bro da família, o terapeuta responde de forma empática reformulativa a cada membro da família, um por um. Mais, para além de responder aos membros da família individuais, o terapeuta familiar centrado no cliente está atento e responde às dinâmicas interactivas entre todos os membros da família.

PRINCÍPIOS

As tendências actualizantes

Inerente aos princípios da Terapia Centrada no Cliente estão: a) o princípio da tendência actualizante - o impulso de todos os organismos para alcançarem os seus destinos biológicos e b) o seu “derivado”, para o homo sapiens, auto-actualização, a extensão psicológica da tendência actualizante generalizada.

A tendência actualizante (Goldstein, 1939; 1940) é biológica-organísmica na natureza - é o DNA dos nossos progenitores exprimindo-se no futuro (Wilson, 1980). Para mais, nos seres humanos, a sensibilidade permite à ideação do self evoluir, o que, por sua vez, conduz à tendência auto-actualizante. Nós temos um grande número de provas da existência da tendência actualizante geral, que é inerente a todos os organismos, e então também para a tendência auto-actualizante, a mais recente da qual permanece um construto teórico - uma metáfora para o nosso impulso psicológico para a totalidade e completude. No entanto, a ideia de auto-actualização é inata à filosofia centrada na pessoa, e focal para a prática da terapia centrada no cliente

A maior parte dos terapeutas centrados no cliente que trabalham somente com indivíduos consideram a ideia de uma tendência actualizante familiar ridícula. No entanto, a família, como o self, é tão inata a quem somos que é, como o self, uma extensão da nossa tendência actualizante generalizada.

Na sua maior parte, os textos que se referiam à teoria da Abordagem Centrada no Cliente focaram-se no processo terapêutico e não nos elementos estruturais e no desenvolvimento da personalidade. No princípio, essa era uma das forças da literatura centrada no cliente. No entanto, presentemente, a negligência face à investigação respeitante ao self e às suas ramificações pode bem ser um impedimento para a evolução contínua do pensamento centrado na pes-

soa. O conhecimento do desenvolvimento do self é crucial para a nossa compreensão dos elementos nucleares do processo de cura centrado no cliente. Compreender como o self emerge e cresce é a chave para a nossa compreensão do processo de auto-actualização, empatia e amor - os elementos essenciais da Terapia Centrada no Cliente. Então, perceber quem e o que é o self parece central, se não fundamental, para a forma pela qual conduzimos a terapia.

Estudar e trabalhar com crianças e as suas famílias promove uma melhor compreensão de como, no contexto familiar, o self evolui e se desenvolve. Essa observação e interacção tão de perto permitem discernir claramente que os nossos jovens, devido ao seu tão singular longo período de dependência e a um sentido de consciência (consciousness) que produz a consciência (awareness) do passado e do futuro, desenvolvem vínculos familiares singularmente diferentes das dos seus primos animais.

No desenvolvimento humano único do self existe primeiro uma distinção rudimentar entre o “Eu” e o “Não-Eu” (James, 1890; Allport, 1955), que caracteriza os anos mais precoces do desenvolvimento humano. Em seguida, surge a diferenciação entre o “bom Eu” e o “mau Eu” (Sullivan, 1953; Erickson, 1959), nos anos de início da marcha. Desde cedo a criança desenvolve um conjunto de selfs relacionais primitivos - p.ex. criança e progenitor, irmão e irmão ou irmã, etc. (Meade, 1934). Finalmente, esses selfs relacionais, ou sub-selfs, e as suas respectivas experiências começam a unir-se num complexo que define cada indivíduo como diferente, dados os laços humanos básicos semelhantes (Gaylin, 1997).

É a semelhante, porém subtil, distinção dessas experiências que nos possibilita empatizar com os outros, procurar um parceiro para mais que um encontro sexual, e identificar progenitores e descendentes

através das nossas vidas. Estes são os elementos da tendência actualizante humana que tanto abrangem como transcendem a tendência auto-actualizante. Esta transcendência dá então forma à tendência actualizante familiar.

A controvérsia sobre um conceito de tendência actualizante familiar é abundante. A maior parte dos terapeutas centrados no cliente que trabalham somente com indivíduos consideram a ideia de uma tendência actualizante familiar ridícula. No entanto, a família, é tão inata a quem somos que é, como o self, uma extensão da nossa tendência actualizante generalizada.

Se as crianças criadas fora do meio familiar (tal como em instituições) sobrevivem, elas são notoriamente perturbadas quando comparadas com os seus correspondentes criados familiarmente (Spitz, 1945; Bowlby, 1952).

Mesmo como um construto abstracto, a ideia de uma tendência actualizante familiar é um conceito útil. Pode então ser entendido como o impulso para encontrar um parceiro para a vida, para podermos criar uma família que projecte o nosso DNA no futuro, através dos nossos descendentes. A tendência actualizante familiar tem também um género de validade facial. Assim, a família - nas suas formas variadas - é a única promessa concreta de imortalidade que a maior parte de nós pode conceptualizar.

A nossa linguagem, pensamentos e culturas são coloridos por memórias e referências familiares (p.ex. os termos elaborados de parentesco desenvolvidos pelas várias sociedades transmitem como uma dada sociedade está estruturada e, por sua vez, como funciona). De facto, os nossos relacionamentos íntimos familiares são tão cruciais para a nossa integração na sociedade como membros completamente funcionantes que muita da terapia individual é passada a lidar com relacionamentos passados e presentes. Ainda que

para muitos terapeutas centrados no cliente a ideia de uma tendência actualizante familiar pareça desnecessária - mesmo estranha - acredito que provou ser o

Na sessão de terapia familiar o processo de reformulação empática permanece bastante semelhante ao que ocorre durante a terapia individual, mas as várias relações presentes na hora de terapia familiar mudam subtil e substancialmente as interacções quer entre os membros da família e o terapeuta, quer entre os membros. Assim, o processo terapêutico interpessoal é vastamente enriquecido.

As modificações mais cruciais que ocorrem na transposição da terapia individual para a familiar verificam-se nos conceitos de incongruência e de tendência actualizante familiar.

meio mais eficaz para facilitar a intimidade interpessoal que é intrínseca ao ser humano congruente, aberto, e completamente funcionante. Faz sentido, então, conduzir a terapia dentro do mesmo contexto que nos define.

INCONGRUÊNCIA E PROCESSO TERAPÊUTICO

A Terapia Centrada no Cliente é uma terapia de processo. São necessários alguns componentes teóricos para as clássicas “condições necessárias e sufici-

O terapeuta, através da reformulação empática de cada um dos membros da família, mantém a visão do mundo de todos eles - um género de empatia agregada, que permite ao terapeuta tornar-se um interlocutor articulado entre os membros da família.

entes” (Rogers, 1957; Gaylin, 1989), para que se efectue mudança tanto nos indivíduos como nas famílias. Mesmo dentro dessas condições, há algo que nos diz porque é que a terapia funciona. Os clientes que entram em terapia estão num estado de incongruência:

as suas conceptualização e experiência do self são únicas, inconsistentes. Através da atenção dirigida e focalizada – isto é, a presença, a consideração sem julgamentos, e a empatia - o terapeuta possibilita a libertação da tendência actualizante do cliente. Mas não é claro como e porque é que a consideração e a resposta empática produzem mudança.

O que é conhecido é que, de alguma forma, o terapeuta age como um espelho interpessoal e atento, que reflecte as experiências internas do cliente expressas em feed-back ao cliente. A imagem que o terapeuta reflecte tem distorções, no entanto, porque é modificada (intencional ou inadvertidamente) pela pessoa do terapeuta. Assim, por mais objectivos que os terapeutas se esforcem por ser, eles infundem algo deles próprios nas suas respostas às mensagens verbais e não verbais dos seus clientes. Isto é o coração da relação terapêutica.

Na sessão de terapia familiar o processo de reformulação empática permanece bastante semelhante ao que ocorre durante a terapia individual, mas as várias relações presentes na hora de terapia familiar mudam subtil e substancialmente as interacções quer entre os membros da família e o terapeuta, quer entre os membros. Assim, o processo terapêutico interpessoal é vastamente enriquecido.

As modificações mais cruciais que ocorrem na transposição da terapia individual para a familiar verificam-se nos conceitos de incongruência e de tendência actualizante familiar. A incongruência - o estado de sentimento dissociado que ocorre quando a experiência e a cognição estão em conflito - inicia-se numa complexidade multifacetada quando aumentada pelo ambiente interpessoal íntimo da família. Consequentemente, a experiência da família, de algum ou de todos os seus membros, e a sua conceptualização

dela, pode estar em desacordo. Aqui, o descontentamento ou a dor relativamente aos que lhe são íntimos, ou a desilusão com o meio, com um todo, pode causar incongruência. Então, a família procura ajuda para a incongruência de um dos seus membros - incongruência intrapessoal - mas os membros da família podem também experienciar uma incongruência interpessoal. O desapontamento e a angústia relacionados com o conflito entre as nossas expectativas e a nossa realidade experienciada de nós próprios e daqueles que amamos (e cujo amor ambicionamos) são a manutenção do nosso desgosto e miséria.

A tendência actualizante familiar inclui o esforço parental para amar, proteger, criar e educar os seus jovens - social, moral, intelectual e instrumentalmente - ou seja, permitir a adaptação efectiva da criança à sociedade. Pela mesma natureza da nossa tendência actualizante nós amamos os nossos filhos. Reciprocamente, os nossos filhos esperam o nosso amor. Mais, procuram a nossa aprovação e tentam adaptar-se de acordo. Mas se e quando estes parâmetros básicos da tendência actualizante falham, há incongruência e disfunção. Tendo a família falhado, ou, mais adequadamente, percebendo os seus membros a família como tendo falhado na sua missão de permitir e lançar os seus membros na sociedade com sucesso, alguns, se não todos os membros, experienciarão, provavelmente, angústia. Dependendo do grau de incongruência, a família ou um dos seus membros pode ser impelido a procurar ajuda¹.

MÉTODOS

A reformulação empática de sentimentos é actualmente o único método praticado na Terapia Centrada no Cliente. No entanto, há ainda muito a dizer sobre a forma como o terapeuta mantém exactamente

¹ Parcialmente devido à nossa compreensão da nossa biologia e à nossa consciência da consequência do comportamento sexual, desenvolvemos um conceito de casamento e família que inclui o compromisso, a protecção do casal e o cuidado de cada um na preparação para e através da educação do jovem. Quando o casamento não preenche os cuidados e as necessidades íntimas do casal, desenvolve-se uma incongruência devido à discrepância entre a expectativa criada e a experiência vivida no casamento.

e conduz a posição empática, e como o poder desse processo alivia a angústia e produz a cura.

Reformulação Empática de Sentimentos

Na sessão de terapia presume-se que o terapeuta é congruente, que está inteiramente em contacto com o seu próprio “self” integrado. O terapeuta pode então relacionar-se com os “sub-selves” dos outros, vivenciando experiências de “sub-self” paralelas que abrangem o próprio complexo do terapeuta. Assim, na terapia individual, o terapeuta pode regressar até à sua infância para empatizar com o relato de uma experiência recente de um cliente criança, ou de um cliente adulto relatando uma experiência infantil recordada. A reflexão empática, se adequada, causa uma melhoria - um sentimento de ser ouvido, compreendido e aceite pelo outro - tudo o que irá permitir a auto-aceitação pelo cliente.

No meio familiar, ocorre o mesmo contacto interpessoal, mas acarreta dimensões e complicações adicionais. O terapeuta, através da reformulação empática de cada um dos membros da família, mantém a visão do mundo de todos eles - um género de empatia agregada, que permite ao terapeuta tornar-se um interlocutor articulado entre os membros da família. Este processo aparentemente simples parece ter um efeito salutar na família. Aqui, a família parece mais apta para ouvir cada um e produzir uma maior empatia para com o outro.

A posição de não-julgamento do terapeuta, tão importante para os clientes individuais, parece assumir uma maior visibilidade e um significado adicional no processo terapêutico com famílias. Frequentemente, as famílias começam a terapia esperando que o terapeuta seja analista e árbitro - um juiz dizendo quem está certo e quem está errado, quem é o agredido e quem é o agressor. Ao ouvir o terapeuta responder cuidada e empaticamente a cada membro, parece ocorrer uma iluminação subtil, uma elevação do fardo. O reconhecimento de que o terapeuta não irá to-

mar partidos mas, em vez disso, ouvir todos os lados e ecoar os sentimentos de cada membro leva os membros da família a experienciar a situação problemática de forma diferente.

De facto, ao trabalhar com uma família durante algum tempo, tenho frequentemente a experiência de os ver promover o seu próprio diálogo terapêutico: eles discutem um problema oneroso na minha frente, e chegam então a uma resolução totalmente satisfatória, sem, virtualmente, nenhum estímulo da minha parte. Fico espantado com a facilidade com que eles se escutam empaticamente, e vêem os pontos de vantagem de cada um. Quando eu partilho a minha observação com os clientes, e exprimo confusamente que eles continuam a vir ver-me, quando parecem colectivamente tão auto-suficientes ao negociar uns com os outros, respondem frequentemente que em casa não o fazem tão bem. A minha presença, explicam eles, permite-lhes serem mais livres e abertos uns com os outros, bem como mais aptos para ouvir o ponto de vista uns do(s) outro(s). Mais ainda: insistem, convictos de que a minha intervenção (a intervenção do terapeuta) actua no sentido de clarificar as tomadas de posição dos diferentes membros da família, caso algum deles seja mal interpretado ou atacado. Assim, a “presença do terapeuta”, muitas vezes erradamente interpretada, na sessão de Terapia Familiar Centrada no Cliente reveste-se de uma importância nítida com um significado especial.

OUTRAS DIMENSÕES DA REFORMULAÇÃO EMPÁTICA NA TERAPIA FAMILIAR

Existem “nuances” na reformulação empática na sessão da Terapia Familiar que, devido à presença e dinâmica dos multi-clientes, não ocorre na terapia centrada no cliente individual. A uma das variações, à falta de um tema melhor, chamei “reformulação interespacial”. A reformulação interespacial é, simplesmente, a resposta do terapeuta ao espaço interactivo entre dois ou mais membros da família. O terapeuta

partilha, então, uma “compreensão combinada do quadro de referência interno de cada um, para reformular o significado partilhado ou conflitual da unidade familiar” (Gaylin, 1990, p. 823).

De forma semelhante, quando estou confuso em relação a uma interacção (geralmente negativa) entre os membros da família, aprendi a respeitar essa confusão, e a pedir uma clarificação. No caso de uma alteração confusa, posso considerar-me capaz de compreender o que cada uma, ambas ou várias das partes em desacordo estão a sentir ou a responder. Nesse caso tentarei, primeiro, responder empaticamente mas, se não houver vantagem nisso, poderei pedir-lhes para recuarem até ao momento anterior à alteração ter ocorrido. Esta re-experiência revela, frequentemente, feridas experienciais subtis que estiveram guardadas ao longo do tempo de forma que, num momento mais tarde, algum acontecimento relativamente menor pode causar dor ou angústia, ao alcançar o limiar daquilo que parecia despropositado e sem razão aparente. Um indivíduo em interacção num grupo só toma consciência de ressentimentos anteriores quando essa vivência se repete. Consequentemente, há, muitas vezes, um sentimento de espanto - uma reacção “ahh” - acompanhada por sentimentos partilhados de alívio. Mais: este processo tende, também, a descobrir subtilmente assuntos individuais e interaccionais, que os indivíduos podem ter mantido sozinhos por várias razões.

Devido aos vários quadros de referência presentes na sessão de terapia familiar, o terapeuta familiar centrado no cliente escuta através de múltiplos filtros. Assim, por exemplo, quando uma criança relata frustrações e mágoa em relação aos pais, devido a uma acção disciplinar percebida como injusta pela criança, o terapeuta recorda experiências semelhantes da sua infância, num esforço de compreender e reformular a angústia da criança. Simultaneamente, o terapeuta (que também pode ser pai, ou pode recordar ter havido uma perspectiva semelhante da parte

dos seus pais) antecipa também a reacção dos pais da criança quando ouvem a expressão do ressentimento da criança durante a sessão de terapia familiar.

Para mais, há muitas vezes, uma ajuda dos próprios membros da família que, apesar das potenciais defesas, momentâneas, estão presentes porque gostam uns dos outros e se comprometeram a compreender cada um dos outros. Isto, então, é o processo actualizante familiar em operação e movimento, visível para o observador astuto.

A maior parte dos terapeutas que trabalham com clientes individualmente estão agudamente conscientes da complexidade e dificuldade de ouvir adequadamente, compreender empaticamente, e reformular efectivamente os sentimentos do indivíduo em terapia. Estes terapeutas, que são invariavelmente incrédulos em relação à ideia de manter múltiplas posições empáticas e responder individualmente, muitas vezes preferem uma sucessão rápida dos membros da família presentes na sessão de terapia familiar, e de uma forma que não parece produzir uma ressonância mais favorável com um membro do que com outro. Não é, no entanto, tão impossível como possa parecer à primeira vista. Para mais, há, muitas vezes, uma ajuda dos próprios membros da família que, apesar das potenciais defesas, momentâneas, estão presentes porque gostam uns dos outros e se comprometeram a compreender cada um dos outros. Isto, então, é o processo actualizante familiar em operação e movimento, visível para o observador astuto.

O terapeuta auxilia o processo actualizante familiar, agindo como modelo e canal empático. Muitas vezes os pais, profundamente preocupados com as responsabilidades da sua função de progenitores, per-

dem o contacto com os “sub-selves” infantis dentro de si próprios. O facto de observar um terapeuta congruente recorrer ao seu próprio “sub-self” infantil para responder gentilmente à criança inspira os pais a fazer o mesmo, promovendo então uma maior empatia do progenitor com a criança.

Finalmente, o ambiente de múltipla empatia da terapia familiar estende o poder do processo terapêutico para além dos presentes na sessão. Quando, numa sessão, se faz uma alusão ao membro da família ausente, a posição empática projectada pelo terapeuta face a esse membro pode promover uma compreensão mais clara e ser facilitador de melhores relações posteriormente.

Tenho tido famílias que me relataram que depois de terem transmitido ao membro ausente a minha compreensão empática dele, a pessoa concordou com a minha percepção, e sentiu-se aliviada e valorizada - finalmente compreendida. Assim, a hora da terapia familiar promove um tipo de contágio empático que permite uma união intra e interpessoal dos “selves”, relações e a família como um todo.

SUMÁRIO E CONCLUSÃO

A Terapia Familiar Centrada no Cliente assenta nos elementos clássicos da Terapia Centrada no Cliente Individual. Os princípios são os mesmos. Existe apenas uma energia - a tendência actualizante orgânica. Incluídas na tendência actualizante orgânica estão a tendência auto-actualizante e a familiar. Existe apenas um método na Terapia Centrada no Cliente tanto para indivíduos como para famílias: esse método é a reformulação cuidada e sem julgamentos dos sentimentos dos clientes. No entanto, a reformulação dos sentimentos bem como a interacção entre os membros da família numa sessão de terapia familiar origina extensas ramificações do método centrado no cliente. O trabalho no ambiente profundamente íntimo da família torna clara a eficácia da reformulação empática genuína como o elemento causal pri-

mário do alívio da angústia das pessoas e como removedor dos impedimentos da tendência actualizante tanto no indivíduo como na família.

Referências Bibliográficas:

- Allport, G.W. (1955). *Becoming*. New Haven: Yale University Press.
- Bowlby, J. (1952). *Maternal care and mental health*. Geneva, World Health organization, Monograph no. 2.
- Erikson, E.H. (1959). *Identity and the life cycle*. In *Psychological Issues*, 1, 1. New York: International Universities Press.
- Gaylin, N. (1989). *The necessary and sufficient conditions for change: individual versus family therapy*. In *Person-Centered Review*, 4, 263-269.
- Gaylin, N. (1990). *Family centered therapy*. In Lietaer, G., Rombatus, J., & Van Balen (Eds.). *Client-centered and experiential psychotherapy towards the nineties*. Leuven: University of Leuven Press.
- Gaylin, N. (1997). *The self, the family, and psychotherapy*. In *The Person-Centered Journal*, 3(1), 31-43.
- Goldstein, K. (1939). *The organism*. New York: American Book Company.
- Goldstein, K. (1940). *Human Nature*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- James, W. (1890). *The principles of psychology*. New York: Holt.
- Mead, G.H. (1934). *Mind, self and society*. Chicago: University of Chicago Press.
- Rogers, C.R. (1957). *The necessary and sufficient conditions for therapeutic personality change*. In *Journal of Consulting Psychology*, 21, 95-103.
- Spitz, R. (1945). *Hospitalism: an inquiry into the genesis of psychiatric conditions in early childhood*. In Freud, A. (Ed.) *The Psychoanalytic Study of the Child*, Vol. 1. New York: International Universities Press.
- Sullivan, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: W.W. Norton.
- Wilson, E.O.(1980). *Sociobiology*. Cambridge, MA: Belknap Press.